



## GT 038. Famílias em perspectiva: filiação, parentalidades e outras formas de conectividade

Leandro de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais) - Coordenador/a, Alessandra de Andrade Rinaldi (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) - Coordenador/a, Flávio Luiz Tarnowski (Universidade Federal de Mato Grosso) - Debatedor/a

Este GT é motivado pelo cenário contemporâneo de controvérsias públicas envolvendo família, gênero, sexualidades e direitos. O grupo discute a família enquanto modo de conectividade localizado (modulado por marcadores como geração, classe social, religião, etc) e enquanto símbolo político disputado. Abordaremos temas como conjugalidades, parentalidades, adoção e relações com a família de origem, examinando reconfigurações das conexões entre público e privado. A proposta é focalizar nexos entre cenários político-culturais, movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, interações e relações de poder em contextos plurais, com atenção às experiências relativas ao exercício parental entre sujeitos com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Quais são os percursos trilhados por casais (ou por pessoas fora de parceria conjugal) ao construir a filiação como projeto (ou ao rejeitar e/ou abdicar de filhos preteridos)? Como operam as formas de parentalidade exercidas por pessoas LGBT e sobre pessoas LGBT? De que forma discursos científicos, jurídicos e políticos têm abordado estes temas? Serão acolhidos estudos que abordem: conflitos, manutenção de laços e discursos sobre emoção no cotidiano da casa e dos grupos domésticos; usos políticos da noção de família, moralidades e a produção de discursos de verdade; produção e ruptura de laços no âmbito das práticas jurídicas; enlances entre família, direitos sexuais e laicidade do Estado.

### **“Não transicionamos sozinhos”: corpo, gênero e conectividade entre homens que engravidam**

**Autoria:** Anne Alencar Monteiro

“Você sabe né amigo? Que não transicionamos sozinhos. Nossa família também transiciona junto.” Essa foi uma frase que ouvi em campo enquanto dois homens trans conversavam sobre o fato da mãe de um deles ter “aceitado” sua condição de pessoa trans. Esse work de campo foi resultado da minha pesquisa de mestrado que buscou compreender, os sentidos, significados e relacionalidades sociais produzidos a partir da gravidez gerada em corpos transmasculinos, seguindo a trilha aberta pelas antropólogas da abordagem conhecida como novo parentesco (FONSECA, 2003). Para tal, se tornou necessário explorar a formação da identidade de sexo/gênero, já que a experiência da gravidez gerada em corpos transmasculinos, bem como as relacionalidades que a contorna, é marcada fortemente pelos processos identitários e pelas modificações corporais decorrentes do processo de transição. Utilizei três estratégias metodológicas entrevistas semiestruturadas; observação participante em espaços de convivência de homens trans em Salvador/BA; e exploração na internet. Trago aqui reflexões sobre a relação entre as transformações corporais resultantes do processo de “transição de gênero” entre homens trans e as pessoas que são consideradas por eles como parte da família. Argumento que tais transformações não são vivenciadas sozinhas. Nesse sentido, a transgeneridade aqui não aparece como um fenômeno desassociado da relação com outros, ou seja, há uma participação dos familiares no processo de transição. Assim, os processos corporais não são desassociados das relações com os outros. Isto não é exclusivo das experiências e vivências trans, mas é pertinente pontuar para não pensarmos na transgeneridade como um processo somente individual, subjetivo e egocêntrico. “Transicionar junto” significa dar um outro sentido ao corpo o que pode afetar outras pessoas tensionando as



relações de parentesco. Nesse sentido, as relações de parentesco não são fixas e o corpo passa a ocupar um lugar central nessas relações.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

